

A IRONIA PRAGMÁTICA EM "UM NOSSO SEMELHANTE", de Manuel da Fonseca

Ronei Marcelo Soares*

Resumo

Este trabalho pretende mostrar a presença da ironia retórica no conto "Um nosso semelhante", de Manuel da Fonseca", em que um narrador denuncia ironicamente os perigos de uma leitura ingênua.

São muitas as dificuldades encontradas no estudo de qualquer manifestação irônica, dada a própria natureza fluida e nebulosa da ironia. Esse estudo se torna ainda mais difícil quando nos deparamos com as várias formas conhecidas de ironia: socrática, romântica, *humoresque* ou de humor, verbal, etc. Entretanto, para o trabalho que nos propomos fazer, será essencial esclarecermos um tipo específico do

* Bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq de 11/91 a 10/93.

fenômeno irônico, denominado ironia de primeiro grau ou ironia retórica, por sua importância na estruturação da obra que pretendemos analisar.

A ironia retórica é aquela que quer alcançar um objetivo definido, procurando garantir uma verdade; quer convencer, defender uma idéia pré-estabelecida. É a ironia na sua definição mais simples: dizer A para significar não A. Trata-se da ironia que ridiculariza, ataca, rejeita, procurando corrigir, muito usada na denúncia de males sociais e na sátira. O seu lugar é, geralmente, o do enunciado; a sua perspectiva, a do narrador ou da voz enunciativa.

"Um nosso semelhante" mostra em primeiro plano o bombeiro Badanas, revestindo-o de uma vaidade exarcebada e de uma arrogância frágil, que precisa de uma medalha para se afirmar. Essa medalha lhe foi dada pelo "salvamento de um nosso semelhante" e é a garantia palpável, para Leonel Badanas, de um ato "heróico". A ausência da medalha representa a falta de habilitação para o andar pretensioso: "(...)passo largo e seco; peito arqueado, nádegas saídas" (p.148). Um "herói" sem a modéstia e a convicção dos Heróis, já ventilando dúvidas quanto à consistência do seu heroísmo.

O velho Rana surge como uma figura irrelevante, apagada, um simples mendigo, "(...)vindo não se sabe de onde..."(p.150): "um nosso semelhante"!, reconhecido depois como um antigo trabalhador do lugar, que todos já haviam

esquecido. Ao contar a "verdade" acerca dos fatos que levaram o bombeiro a receber a medalha, o narrador apresenta Rana como a vítima que Badanas salvou de afogamento num poço, feito que concedeu a reluzente medalha ao bombeiro, recebida sob louvores do presidente da Câmara, na presença do povo e das "...individualidades mais representativas..." (p.140).

A principal incongruência, a nível do enunciado, que garante a configuração da ironia no conto, reside no teor do "heroísmo" de Leonel Badanas. O salvamento se constituiu, na verdade, em uma tortura física da vítima, pois Rana é atingido por sucessivas pancadas na cabeça, com uma vara, numa atitude hostil de Badanas. O velho é a vítima que quer morrer para fugir do descaso de uma sociedade que lhe nega até esmola. Nem seu filho Chico Rana deu-lhe comida. O mendigo, ao tentar suicidar-se, é interrompido violentamente por um "herói" que parece mais castigar do que socorrer, sem nenhuma intenção solidária. Rana é salvo para continuar sofrendo o desprezo social, sem direito de permanecer nem mesmo na cadeia, onde lhe tinham dado de comer.

A condecoração do falso herói Badanas é pano de fundo para o estabelecimento da ironia narrativa: quando o narrador, ao invés de denunciar o falsário literalmente, elogia-o ironicamente, desenvolve uma crítica muito mais sutil e eficaz contra a ação de Badanas e, conseqüentemente, contra toda aquela sociedade que o aclamou. O dizer

narrativo, ao afirmar, passa a negar-se a si mesmo, quando sobrepõe um discurso aclamador a um contexto depreciável. Assim, ao afirmar o narrador: "(...) Louvou o Badanas, comparando-o com os mais abnegados heróis da humanidade..."(p.149), quer dizer o contrário, algo como: Badanas é comparável aos maiores covardes da humanidade.

O tom irônico da narração é percebido já no início do conto no procedimento satírico da descrição de Leonel Badanas: "(...)Tem assim como que uns longes de galo, de asas meio abertas, chispando raios de sol da luzidia crista" (p.147).

O narrador procura alertar o leitor extradiegético para a inconsistência dos fatos narrados, denunciando a ingenuidade e passividade dos "leitores" intradiegéticos diante da cerimônia de entrega da medalha, no episódio do anúncio da "grande novidade da autobomba": "(...) Apesar de esta informação não constituir surpresa para ninguém, a assistência rejubilou".

A história do salvamento do velho Rana vem atestar a inconfiabilidade do "herói" a que o narrador ironicamente destaca. A trama valoriza a posição ideológica desse narrador que pretende criticar, através das desventuras de Rana, a sociedade extratextual que o texto espelha, e em que o autor implícito se insere.

Um forte indicador do partidarismo do narrador é notado no olhar terno e reverente que ele lança sobre Rana,

revelando a dor do mendigo e expando as marcas do seu corpo doente, num tom carinhoso e clemente:

Os ossos do rosto parecem apostados numa vã tentativa de esticar a pele engelhada e escura. O rosto é uma confusão de pelos de cor indecisa que lhe tampam a boca e o peito. E no meio das barbas, no fundo dos olhos brilham dois olhinhos parados, fixos (p.150).

No decorrer da narrativa, fica clara a preocupação do narrador de retirar o velho Rana da insignificância a que fora relegado pelos outros personagens. O narrador procede assim quando lembra que Rana é um antigo trabalhador do lugar (p.150) e quando narra com detalhes o sofrimento do mendigo durante o "salvamento":

Reanimado, o Rana volta a mergulhar. Quer morrer e, não consegue evitar aquele retesamento de músculos que lhe estica imperiosamente o corpo. Respira de novo o bom ar da vida, e o primeiro movimento é a mão que o faz introduzindo-se entre as pernas, compondo a quebradura (p.156).

As pancadas sucedem-se uma às outras. O velho mete a cabeça debaixo da água: vem a aflição da asfixia - ergue-se: cá fora espera-o uma varada. Estonteado, por fim, sobe a escada de mão na virilha, gemendo (p.157).

Quanto mais "semelhante" e humanizado Rana, maior o pecado de Badanas aos olhos do narrador, e mais pertinente a crítica do texto.

Podemos constatar a pré-determinação do articulador do conto quando percebemos o uso da ironia retórica e da sátira como instrumentos de manipulação do sentido. O texto torna-se uma elaboração persuasiva em favor da valorização do pensamento do narrador, com um objetivo definido: a defesa de uma causa social. Instaurado esse pragmatismo, toda a construção textual torna-se uma rede tecida para envolver o leitor, numa tentativa de induzi-lo a uma conscientização ideológica.

Bibliografia

- DIAZ-MIGOYO, Gonzalo. El funcionamiento de la ironia. In: MONEGAL, Emir Rodriguez. *Humor, ironia, parodia*. Caracas / Madrid, Fundamentos, 1980. p. 45 - 68.
- DUARTE, Lélia Parreira. Ironia e (des)mistificação - a divergência narrador/autor em *O bosque harmonioso*, de Augusto Abelaira. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, v. 15, p. 25 - 41, jan./jun. 1990.
- FERRAZ, Maria de Lourdes A. *A ironia romântica*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1987. p. 15 - 238.
- FONSECA, Manuel da. Um nosso semelhante. In: *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Portugalia, 1965, p. 147 - 158.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. Margarida Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. Vol. VIII, p. 21 - 108.